



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante comemoração do 106º aniversário de nascimento do presidente Juscelino Kubitschek e inauguração da exposição “Um Certo Navio Brasileiro”

Brasília-DF, 12 de setembro de 2008

Meu caro amigo José Roberto Arruda, governador do Distrito Federal,
Dom Lorenzo Baldisseri, núncio apostólico,
Meu caro Juca Ferreira, ministro da Cultura,
Meu caro Carlos Minc, ministro do Meio Ambiente,
Minha companheira Marisa,
Meu caro Paulo Octávio, vice-governador do Distrito Federal,
Meu caro amigo Joaquim Barbosa, ministro do Supremo Tribunal Federal,
Senhora Anna Christina Kubitschek Pereira, presidente do Memorial JK,
Senhoras e senhores deputados federais e distritais,
Senhor (inaudível), gerente da Petrobras no Espírito Santo e representante da Gerência-Geral da unidade de negócios,
Senhores e senhoras membros do corpo diplomático,
Meus amigos e minhas amigas,

Antes de mais nada, quero expressar minha alegria em homenagear Juscelino Kubitschek, neste evento que marca os 106 anos de seu nascimento. Tive a oportunidade, durante a campanha presidencial de 2002, de participar do centenário de JK em Diamantina, onde tudo começou. Foi ali, num lar de cômodos estreitos, despido de conforto e sem qualquer luxo que o menino, órfão de pai, viveu parte da infância, sempre amparado pela mãe resoluta e trabalhadora que foi dona Júlia. A casa e a infância pobre moldaram seu desassombro para enfrentar e vencer adversidades com o sorriso generoso e



otimista que o Brasil nunca esquecerá.

Nelson Rodrigues definiu bem: Juscelino foi o presidente que devolveu a gargalhada à política. Pessoalmente, acrescento que foi JK também quem conscientizou o País de que o desenvolvimento nacional é uma prerrogativa intransferível de um povo, e que, sobretudo com ousadia e planejamento, é possível fazer do amanhã algo muito além de uma simples repetição do presente.

De alguma forma, a sigla “JK” incorporou-se à consciência nacional como sinônimo de “Um Certo Brasil”, um Brasil orgulhoso de si mesmo, confiante no seu futuro, decidido a construí-lo em paz e com democracia. Peço licença pela adaptação que fiz com o título desta exposição que acontece em hora tão oportuna. Mais que a história de “Um Certo Navio”, creio que ela interliga a rota do governo Kubitschek à retomada do desenvolvimento em nossos dias.

“Um Certo Brasil” ressurgue nessa travessia histórica. Trata-se de um Brasil “à moda de JK”, de um país que reconquistou a auto-estima da sua juventude, hoje uma das mais otimistas do mundo, não porque ignora a realidade e os nossos desafios, mas porque lhe foi devolvido algo de essencial que havia sido confiscado. Estou falando da certeza de que é possível transformar a sociedade, como estamos fazendo, através do trabalho, da escola e do crescimento voltado para a justiça social.

A reconciliação com os valores do desenvolvimento é, talvez, a mais bela homenagem que o Brasil presta a JK nestes 106 anos do seu nascimento. O desassombro de Juscelino Kubitschek nos ensinou que as vantagens comparativas de um país são frutos de uma construção histórica, e não apenas de uma dádiva da natureza.

Em junho de 1956, quando criou o Grupo Executivo da Indústria Automobilística, fabricar carros no Brasil era uma ousadia reprovada pelos defensores da vocação agrícola nacional. Importávamos, então, 90% do



petróleo consumido, praticamente não havia mão-de-obra qualificada e o sistema financeiro e de crédito apenas engatinhavam.

Hoje somos auto-suficientes em petróleo. Treze mil e quinhentos veículos saem das linhas de montagem por dia. Mais de 300 mil brasileiros trabalham nas montadoras e no setor de autopeças. Do chão da fábrica saiu também um presidente da República, em mais uma evidência da sementeira generosa promovida pelo desassombro de JK.

Juscelino, como se sabe, sempre procurou se cercar de ministros e assessores que pensassem, como ele, o Brasil em todas as suas dimensões. Foi assim, por exemplo, quando soube reconhecer a importância do talento e das contribuições de Celso Furtado, foi assim quando decidiu criar a Sudene para iniciar a redenção do Nordeste. Uma marca de sua administração, desde o primeiro cargo de relevo – prefeito de Belo Horizonte, em 1940 – foi a atitude de vanguarda na cultura e nas artes. Vem daí as relações fortes, que se prolongaram por toda a vida, com Oscar Niemeyer, Cândido Portinari, Di Cavalcanti, Burle Marx e tantos outros intelectuais e artistas brasileiros.

Minhas amigas e meus amigos,

Qual teria sido o futuro se o ceticismo predominasse na condução do interesse nacional? O navio Juscelino Kubitschek ilustra, em ferro e aço, a resposta otimista que, felizmente, predominou nessa trajetória. Os mais velhos não de se recordar que a meta número 11 do Plano de Metas de Juscelino era a renovação da Marinha Mercante brasileira. A meta número 28 previa a implantação de uma indústria naval condizente com nossa riqueza costeira e oceânica. Na década de 70, o Brasil já exibia a segunda maior indústria naval do mundo, perdendo apenas para a do Japão. Os estaleiros nacionais empregavam quase 40 mil pessoas.

Governador Arruda, é importante esse dado. Na década de 70, os estaleiros brasileiros tinham por volta de 40 mil trabalhadores. Éramos a segunda frota, a segunda indústria naval do mundo e só perdíamos para o



Japão. Quando eu tomei posse, em 2003, essa indústria que, em 70, tinha 40 mil trabalhadores, estava com apenas 1.600 trabalhadores, e o estaleiro brasileiro praticamente falido.

Hoje, graças a Deus, já temos novamente 40 mil trabalhadores trabalhando na indústria naval brasileira. Com a descoberta do petróleo, nós certamente iremos ter muito mais do que os 40 mil que temos hoje. Só navios contratados pela Petrobras, serão mais de 200; sondas, serão inicialmente 38; e plataformas, serão algumas dezenas. Portanto, eu acho que Juscelino, lá de cima, estará rindo pelo que está acontecendo na indústria naval brasileira.

Outra coisa importante, a engenharia brasileira distinguia-se no mundo como referência em grandes projetos, desde navios a hidrelétricas e barragens. Engenheiros do resto do mundo vinham aprender com os nossos. Em 1986, as embarcações de bandeira verde-amarela já transportavam 25% de nossas cargas.

O que aconteceu a partir de então? Renunciamos ao comando do nosso destino. A engenharia pesada e a naval foram asfixiadas. Os estaleiros reduziram-se a uma montanha desordenada de ferro e ferrugem. Quebrou-se a cadeia produtiva do setor e passamos a importar até âncoras. O transporte de carga, com frota naval própria, caiu a 4%, elevando em mais de 8 bilhões de dólares a conta de serviços que o Brasil tem (inaudível).

Em 2003, decidimos reverter esse desmonte programado. Tomamos a decisão soberana de devolver aos estaleiros brasileiros o espaço que lhes cabe na engrenagem do desenvolvimento. Começamos pela nacionalização da plataforma P-52. Hoje, só o Programa de Modernização de Frota da Transpetro, o Promef, inclui uma lista de encomendas de 49 grandes navios, com geração de mais 40 mil empregos. E temos ainda tudo o que eu já falei de plataformas, para que a gente possa tirar esse petróleo e transformá-lo em riqueza para o nosso povo.

O importante – e isso é muito simbólico – é que eu fui a Jubarte, no



Espírito Santo, na semana passada. Eis que o destino permitiu que o velho renovado navio JK, que tanta utilidade prestou à Petrobras e ao Brasil, fosse exatamente o navio que tira o primeiro poço de petróleo do pré-sal. Aliás, é importante a diretoria da Petrobras, se não trouxe ainda, trazer um daqueles barrizinhos de petróleo que ganhei de presente para colocar aqui no Memorial, como lembrança da importância daquele navio.

De tudo isso, a melhor notícia é que o Brasil reaprendeu a crescer, e o faz hoje em condições de grande consistência. Lembrem-se de que, na década de 50, Juscelino fez Brasília e construiu um parque automotivo sem dispor ainda de uma indústria madura de bens de capital.

Hoje, o setor de máquinas e equipamentos cresce a uma taxa acumulada de 18% ao ano. A produtividade cresce em toda cadeia industrial, proporcionando ganhos não-inflacionários aos trabalhadores. A expansão com estabilidade é garantida pela grande locomotiva do investimento, que cresce três vezes mais que a média do PIB.

Estamos ampliando a capacidade de oferta para acomodar o aumento da demanda sem gerar gargalos ou desequilíbrios. Neste sentido, as descobertas do pré-sal figuram como uma nova locomotiva que dá ainda mais força a um comboio que já está em marcha consistente. Tivesse emergido em outros tempos, talvez esse patrimônio fosse alienado na voragem das liquidações impostas pelo estrangulamento interno. Felizmente, já não mais adotamos uma opção dependente de crescimento. Deixamos de ser um Estado avesso ao planejamento estratégico. Decidimos no presente a construção do futuro que sempre almejamos coletivamente.

É por esse motivo que erraram de novo os que minimizavam a relevância e o efeito multiplicador da nova fronteira de riqueza e soberania presentes nas reservas do pré-sal. Elas trarão investimentos que vão fortalecer muito mais o rumo que já estamos dando ao Brasil. O nosso país, finalmente, está realizando o seu destino. Nossa meta-síntese é destinar uma fatia dessa



prosperidade à redenção da escola pública brasileira, promovendo um salto de cidadania na vida do nosso povo.

Já estamos fazendo uma revolução na educação. Com os recursos do pré-sal, poderemos acelerá-la e concluí-la muito mais rapidamente. O que estamos realizando, portanto, é maior do que todas as ofertas que nos foram propiciadas pela história. Mais que nunca, impõe-se a responsabilidade de não apequenar as nossas escolhas, como não hesitou Juscelino ao planejar e construir Brasília.

Cabe à nossa geração transformar a saudável nostalgia dos anos dourados de Juscelino, como estamos fazendo, na alvorada definitiva da justiça social na vida de 190 milhões de brasileiros.

Um grande abraço e que Juscelino esteja cada vez mais clareando e iluminando a mente daqueles que passarem pelo governo federal. Não é possível este país dar certo sem ousadia, sem planejamento, sem uma visão de soberania do papel do Estado brasileiro e, sobretudo, não é possível este país dar certo se você não juntar o coração e a cabeça para pensar ao mesmo tempo com o cérebro e com o coração, para que todos sejam felizes em igualdade de condições.

É com muito orgulho que venho aqui hoje dizer à família do nosso querido JK, que eu penso que se todos os brasileiros que disputam cargos eletivos tivessem a delicadeza de ler e acompanhar um pouco a história de JK, certamente as pessoas errariam muito menos. Mais importante, ainda, JK nos dá uma lição extraordinária. Poucos políticos, na história deste país, foram tão achincalhados como JK; poucos políticos foram agredidos verbalmente dentro do Congresso Nacional como JK; poucos políticos foram ofendidos como foi JK. Entretanto, esse homem nunca levantou a voz, nunca perdeu o tom da responsabilidade daquilo que ele tinha que fazer neste país.

A história – como Deus escreve certo por linhas tortas – precisou de algumas décadas para que começássemos a fazer justiça de verdade ao que



Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República

representou Juscelino em nosso país. É preciso também fazer justiça ao que representou Getúlio Vargas, porque acho que os dois, definitivamente, foram os maiores estadistas que governaram o nosso país. Então, penso que a lembrança deles é a oportunidade de o povo brasileiro ter um paradigma, pensando em eleger sempre o melhor e nunca o pior.

Um abraço, e viva Juscelino.

(\$211A)